

Literatura íntima: que mistérios têm o diário de Alice?

Marta Roque Branco⁵⁵

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Paulo Bungart Neto⁵⁶

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Recebido em: 27/03/2017

Publicado em: 01/08/2017

Resumo

O artigo tem como *corpus* de análise dois textos, com características de diário, produzidos por Alice Vaz de Melo, uma escritora do interior de Mato Grosso do Sul, datados, respectivamente, de abril e agosto de 1962, e publicados na seção “Umas e outras” do jornal *O grito*, editado na cidade de Ivinhema-MS. O objetivo é o de compreender os escritos de Alice a partir dos pontos de vista defendidos por Philippe Lejeune ao teorizar, em seu *Pacto autobiográfico*, sobre o subgênero “diário” como importante tendência da literatura confessional. Também faz parte da discussão o espaço que a literatura íntima, até pouco tempo vista como um “gênero menor”, ocupa nos estudos literários contemporâneos, fato que se deve, em muito, aos pioneiros estudos de Philippe Lejeune e, posteriormente, a outros que seguiram o caminho aberto pelo pensador francês. O artigo também trabalha com conceitos teóricos de Leonor Arfuch (2010) e Eliane Zagury (1982).

Palavras-chave

Alice Vaz de Melo. Diário. Philippe Lejeune.

⁵⁵ Mestrado em Letras (Literatura e Práticas Culturais) pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

⁵⁶ Doutorado em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pós-Doutorado em Estudos Literários (com ênfase nas memórias da literatura brasileira contemporânea) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Introdução

Textos memorialísticos, como as *Confissões* de Santo Agostinho ou as de Jean-Jacques Rousseau, existem há muito tempo, mas apenas recentemente vêm ganhando espaço, destaque e reconhecimento enquanto gênero literário representativo. Sua permanência por longo período à margem da literatura deve-se ao fato de a crítica tradicional negar-lhe o mesmo valor artístico atribuído aos textos ficcionais. A proximidade com o “real” é um dos principais fatores responsáveis pelo rótulo de gênero literário “menor”. Prova desse preconceito da crítica são as obras de historiografia literária que praticamente deixam de lado a diversidade de textos pertencentes à literatura confessional ou simplesmente os mencionam somente enquanto bibliografia secundária de grandes escritores. A esse respeito, Eliane Zagury, em *A escrita do eu*, comenta:

Ao nos debruçarmos sobre a literatura memorial produzida no Brasil, precisamos ter em mente que se trata de matéria difusa e pouco estudada, talvez vítima de um purismo esteticista que a tenha desdenhado, por estar mais próxima de suas motivações sociais e psicológicas que o fascinante produto de transformação que são a poesia, a ficção ou o teatro – não por outras razões ainda detentores com exclusividade da denominação de grandes gêneros (ZAGURY, 1982, p. 14).

A partir do século XX, a literatura íntima – autobiografia, memórias, diário, etc. – começa a ganhar destaque nos repertórios de leitura, fato que se deve, em grande medida, ao importante espaço que a individualidade e a noção de identidade adquirem nos tempos modernos. Com a modernidade, a literatura confessional sai da periferia e conquista o gosto dos leitores que buscam nos chamados “relatos de vida” conhecer a biografia de pessoas com “existência real”. No entanto, foi somente a partir da década de 1970 que, como veremos, através dos estudos de Philippe Lejeune, o gênero memorialístico começou a adquirir o devido destaque a ponto de, por exemplo, a socióloga argentina Leonor Arfuch apontar, em *O espaço biográfico*, uma “verdadeira obsessão da memória” nos dias de hoje, “em sintonia com o interesse na voz e na experiência dos sujeitos e com a ênfase testemunhal [...]” (2010, p. 24).

Antes dos estudos de Lejeune, vários teóricos, intelectuais e filósofos se dedicaram aos estudos da memória (Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Paul Ricoeur, Jacques Le Goff, Sigmund Freud, Maurice Halbwachs, dentre muitos outros). Nenhum deles, no entanto, abordou as manifestações mnemônicas como gênero literário, até mesmo porque não se tratavam de teóricos da literatura, mas sim de estudiosos de outras áreas, como filosofia, sociologia, teologia ou psicanálise. É Philippe Lejeune quem se dedica ao

reconhecimento de textos memorialísticos enquanto gênero literário, iniciando seus estudos sobre o tema em 1971, com a publicação da obra *L'autobiographie en France*, texto que recebe adaptações do próprio autor e resulta, quatro anos depois, no livro *Le pacte autobiographique*. Seus estudos se tornam um marco na história do memorialismo ao reconhecer o gênero e caracterizar os diversos subgêneros da literatura confessional.

Lejeune dedicou mais de 30 anos de sua carreira ao estudo do gênero memorialístico e publicou vários ensaios resultantes dessa pesquisa. Esses textos estão reunidos nas reescritas de seu “Pacto autobiográfico” (em 1986 e 2001) e ilustram a expansão de seus horizontes ao se dedicar à observação das várias manifestações da “escrita do eu”. Com a observação detalhada do gênero memorialístico, o autor oferece suporte para a identificação dos vários subgêneros que constituem a literatura íntima.

O “Pacto autobiográfico” explica as diferenças entre os vários textos que compõem o gênero memorialístico e esclarece pontos fundamentais para uma formulação teórica do gênero. A partir de suas publicações, as discussões, relacionadas ao que antes era excluído do cânone literário e visto como literatura “secundária”, ganham espaço significativo nas reflexões acadêmicas e no interesse de críticos e leitores que passaram a reconhecer em tais textos sua complexidade. A respeito da relevância dos estudos de Philippe Lejeune, Paulo Bungart Neto aponta:

[...] os estudos de Philippe Lejeune ao longo de quase 40 anos são, sem sombra de dúvida, a grande referência dentre as teorias que tratam a memória como gênero literário, sobretudo a autobiografia, o diário e outros subgêneros que não escapam à sua curiosidade e interesse constantes (BUNGART NETO, 2012, p. 178).

Dada a importância dos estudos de Lejeune para a caracterização do gênero memorialístico, cabe aqui a apresentação de alguns conceitos presentes em seu livro, especialmente no que se refere à autobiografia, por ser ela o ponto de partida para o estudo dos demais subgêneros da literatura confessional, e ao diário, por ser a categoria na qual se encaixam os escritos de Alice Vaz de Melo que serão abordados mais adiante.

Lejeune e o “Pacto autobiográfico”

Como dito anteriormente, o livro *Le pacte autobiographique*, de Philippe Lejeune, foi publicado em 1975, reescrito por duas vezes – 1986 e 2001 – e publicado em 2008 pela Editora UFMG com o título de *O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet*. Os trabalhos de Lejeune buscam esclarecer os problemas do gênero autobiográfico e, a partir de sua

caracterização, diferenciá-lo das demais manifestações da literatura confessional. Para Lejeune, a definição de autobiografia é a seguinte: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Lejeune define a autobiografia como sendo uma narrativa em prosa que se volta para o passado e trata da vida individual de uma pessoa real. Para que o “pacto” se cumpra, é necessário também que haja uma tríplice identidade, ou seja, uma correspondência efetiva entre autor (pessoa real), narrador e personagem principal (os sujeitos da narrativa). Através dessas características, o autor diferencia a autobiografia de “gêneros vizinhos” como memórias, biografia, romance pessoal, diário, dentre outros. Entre a autobiografia e o diário, por exemplo, a categoria distintiva é que o diário não apresenta narrativa retrospectiva, e os relatos são redigidos imediatamente após os acontecimentos ocorridos. Quanto à biografia, o que a diferencia da autobiografia é que não há correspondência de identidade entre narrador e personagem principal.

Entretanto, Lejeune afirma que essas categorias não são absolutamente rigorosas, sendo que a única condição estritamente necessária para a existência da autobiografia é a equivalência de identidade entre autor, narrador e personagem principal. Como podemos observar nas palavras do crítico:

É óbvio que essas categorias não são absolutamente rigorosas: certas condições podem não ser preenchidas totalmente. O texto deve ser *principalmente* uma narrativa, mas sabe-se a importância do *discurso* na narração autobiográfica; a perspectiva, *principalmente* retrospectiva: isto não exclui nem seções de autorretrato, nem diário da obra ou do presente contemporâneo da redação, nem construções temporais muito complexas; o assunto deve ser *principalmente* a vida individual, a gênese da personalidade: mas a crônica e a história social ou política podem também ocupar um certo espaço. Trata-se de uma questão ou, antes, de hierarquia: estabelecem-se naturalmente transições com os outros gêneros da literatura íntima (memórias, diário, ensaio) e uma certa latitude é dada ao classificar no exame de casos particulares. Em contrapartida, duas dessas condições não comportam graus – é tudo ou nada (LEJEUNE, 2008, p. 15; grifos do autor).

Dessas duas condições fundamentais que definem a autobiografia – identificação entre autor e narrador e entre narrador e personagem principal – o autor destaca alguns problemas sobre os quais dedica três ensaios no mesmo capítulo. São eles: “Eu, tu, ele” (LEJEUNE, 2008, p.16-19), que expõe as formas de expressar a identidade do narrador e do personagem principal; “Eu abaixo assinado” (p. 19-35), em que se discute as manifestações da identidade autor-personagem-narrador; e “Cópia autenticada” (p. 35-41), no qual o autor diferencia autobiografia e biografia, explicitando as noções de identidade e de semelhança.

No primeiro ensaio, Lejeune destaca que é possível a correspondência entre narrador e personagem principal sem o emprego do pronome na primeira pessoa, da mesma forma que pode haver narrativa em primeira pessoa sem a mesma correspondência. Para esclarecer possíveis confusões e dar conta da complexidade dos modelos existentes de autobiografia, o autor dissocia pessoa gramatical e identidade dos indivíduos. A autobiografia clássica (ou autodiegética, segundo Gérard Genette) se define quando narrador e personagem principal possuem a mesma identidade e a narração é feita em primeira pessoa, mas há casos em que a mesma condição de identidade aparece na segunda pessoa (tu) ou na terceira pessoa (ele). Este último caso Lejeune classifica como “autobiografia em terceira pessoa”, e aquele como “autobiografia em segunda pessoa”. Já quando a narrativa aparece em qualquer uma das três pessoas gramaticais, mas o narrador é diferente do personagem principal, estamos diante de uma biografia: homodiegética (eu), endereçada ao modelo (tu); e clássica ou heterodiegética (ele).

Na sequência, Lejeune chama a atenção para o fato de que nenhum pronome remete ao conceito, mas sim a um nome próprio e é, portanto, a ele que narrador e personagem precisam manter relação de identidade. Esse é o critério mínimo de todos os gêneros da literatura íntima, dentre os quais está o diário.

A identidade entre autor, narrador e personagem deve ser claramente assumida no texto, pois, segundo Lejeune (2008, p. 26), “a autobiografia não é um jogo de adivinhação, mas exatamente o contrário disso”. Para a concretização do pacto autobiográfico há, então, a necessidade de, em meio às diversas formas de manifestação, “honrar” sua assinatura. Concluimos, por meio dessas observações, que:

O que define a autobiografia para quem a lê é, antes de tudo, um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio. E isso é verdadeiro também para quem escreve o texto. Se eu escrever a história de minha vida sem dizer meu nome, como meu leitor saberá que sou *eu*? É impossível que a vocação autobiográfica e a paixão do anonimato coexistam no mesmo ser (LEJEUNE, 2008, p. 33; grifo do autor).

Tal “contrato de identidade”, necessário no texto autobiográfico ou memorialístico, também está presente no diário íntimo, como se verá a seguir.

O diário

É em “Um diário todo seu” que Lejeune vai aprofundar seus estudos sobre os traços que caracterizam esse subgênero da literatura íntima. O título do subcapítulo remete diretamente à famosa conferência de Virginia Woolf, traduzida para o português como *Um*

teto todo seu (1994) e que possui também óbvios componentes autorreferenciais. Para Lejeune, escrever um diário é uma atividade discreta e pode ser passageira ou irregular. Exemplos disso são os diários mantidos durante alguma crise, algum evento-limite (como no caso da garota judia Anne Frank, escrevendo no sótão de uma casa em Amsterdã, escondida dos nazistas), ou uma viagem que tem sua prática encerrada com o fim da aventura à qual o diarista se propôs a registrar.

Muito associado à escrita cotidiana, o diário apresenta uma série de vestígios importantes, dos quais se destaca como elemento fundamental a data, primeira preocupação do diarista, que passa em seguida ao registro dos acontecimentos. Mas a datação não é o único elemento que caracteriza essa forma de escrita. Lejeune cita também como fatores a serem observados a “destinação”, o “conteúdo” e a “forma”. Por destinação, o teórico se refere à função de “construir ou exercer a memória de seu autor (grupo ou indivíduo)” (LEJEUNE, 2008, p. 261). O conteúdo depende dos objetivos do diarista. Quanto à forma, o diário não apresenta uma regra fixa, os únicos traços invariáveis são a fragmentação e a repetição. A definição de diário para o autor seria, então, a escrita cotidiana, regular ou não, que se inicia por uma data e tem como marcas principais a fragmentação e a repetição, uma espécie de crônica que visa relatar objetivamente os acontecimentos e impressões de um período bem próximo daquele que antecede o registro.

Mas, afinal, qual é a utilidade de um diário? Para essa indagação, Lejeune sugere algumas possíveis respostas: o diário é capaz de conservar a memória, pois nos permite, após um longo período, reencontrar os elementos do passado livres de fantasias e reconstruções da memória devido a curta distância entre os acontecimentos e seu registro. Outra utilidade do diário é sua modesta contribuição para a memória coletiva – o tempo aumenta o valor das informações contidas no papel, aparentemente insignificantes no momento em que são escritas.

O diário serve também como confidente de quem escreve, assume a função de um “amigo” sobre o qual o diarista descarrega suas emoções com maior liberdade, longe das pressões sociais e contribuindo, portanto, para “a paz social e o equilíbrio individual” (LEJEUNE, 2008, p. 262). Além disso, por meio do diário, podemos nos conhecer melhor. A escrita permite nos olharmos com distanciamento. Esse relato íntimo “pode ser espaço de análise, de questionamentos, um laboratório de introspecção” (LEJEUNE, 2008, p. 263).

Mais um fator que aponta para a utilidade do diário é que ele está voltado para o futuro: “Fazer o balanço de hoje significa se preparar para agir amanhã” (LEJEUNE, 2008, p. 263). Dessa forma, o diário se torna também um instrumento de ação e não uma forma de

passividade, visto que, por meio dele, podemos reformular os desafios a serem repensados posteriormente. O diário pode servir também de apoio diante de problemas graves e trazer coragem para enfrentar as difíceis “provas” do cotidiano, como no exemplo supracitado de Anne Frank.

Ainda como utilidade do diário, Lejeune aponta as atividades de pensar e escrever. O pensar remete ao processo de criação, “torna o presente mais leve, mais aberto a suas contradições, e comunica ao leitor a dinâmica da reflexão tanto quanto seu resultado” (LEJEUNE, 2008, p. 264). Finalmente, o diário é resultado do gosto pela escrita. Escrever os acontecimentos do dia a dia nas páginas de um diário pressupõe a liberdade de escolher as próprias regras da escrita.

Mais adiante, Lejeune tenta resolver outro problema percebido ao longo de seus estudos: “o que é o fim de um diário?” (2008, p. 268). Para tanto, o autor divide suas reflexões em três dimensões: “o fim como horizonte de expectativa”; “o fim do ponto de vista de sua relação com a finalidade”; e “o fim como realidade”.

A primeira dimensão abordada por Lejeune, a do horizonte de expectativas, busca retratar o diário como escrita sem fim, que apresenta sempre a “esperança do dia seguinte”. O diário pressupõe a presença do futuro, isto é, envia “sinais” para posteriores releituras a serem feitas pelo próprio diarista ou para ser lido por outra pessoa. Sua narração não prevê um fim, desperta a expectativa da posterioridade, da inevitável continuação. De acordo com o autor:

[...] O diário é o registro de presentes sucessivos, aberto para um futuro indeterminado e fatalmente limitado pela morte. Desde o começo, ele programa sua releitura. Talvez não seja lido de fato, mas poderia sê-lo. É um sinal de radar que enviamos ao futuro e que sentimos misteriosamente voltar para nós. Sem essa presença do futuro, não escreveríamos. O diário não dá acesso à contingência de um fim absoluto, mas à transcendência de uma ou várias releituras futuras. Não o imaginamos terminado, mas o vemos antes relido (por nós) ou lido (por outro) (LEJEUNE, 2008, p. 272).

Aqui está um aspecto que diferencia o diário da autobiografia: esta presume o seu fim, que deve ser o momento da escrita. Se algo escapa à autobiografia é o seu começo, enquanto que com o diário ocorre o inverso, só se conhece o ponto de partida, o ponto de chegada não é determinado, uma vez que existirá sempre um momento após a escrita que trará a possibilidade de uma nova escrita. A ideia de continuação protege o diário da ideia de fim. Além disso, a autobiografia está voltada para o passado, já o diário volta-se para o futuro.

A segunda dimensão, a da finalidade, difere da primeira por retratar o caráter passageiro do diário, enquanto que aquela toma como ponto de referência a atividade de escrita que acompanha o percurso de toda uma vida. Nesta segunda dimensão, o autor discorre

sobre as pessoas que não se mantêm fiéis a um único diário, mas o sustentam por um determinado período e põem fim a sua atividade após ter alcançado seus objetivos.

Lejeune, nessa segunda dimensão, diferencia quatro funções principais para se manter um diário por certo período, podendo essas funções se entrecruzarem. São elas: finalidade de expressão, que se refere tanto à prática de utilizar o papel para desabafar emoções, pensamentos e problemas, quanto à ausência de um confidente. No primeiro caso, a prática termina, normalmente, com a destruição do papel, no segundo, com a substituição do diário por um amigo. Outra função é a da reflexão. O diário, diante de uma crise, pode se tornar instrumento de análise dos acontecimentos, de exame das escolhas a serem realizadas. Nesse caso, o fim do diário virá com o fim do acontecimento que motivou a escrita.

A terceira função é a de “construir uma memória de papel”, arquivar os acontecimentos, guardar vestígios do vivido. Aqui, o encerramento do diário seria equivalente a um fracasso. Já a quarta função diz respeito ao prazer da escrita, do reconhecimento naquilo que se escreve. Nesse último caso, o abandono do diário seria algo comum, sem o mesmo drama de quando a função é a de memória.

A terceira dimensão a que Lejeune se refere é o diário do fim, aquele que se mantém quando se está à beira da morte, seja como meio de suportar a própria condição, seja como instrumento de luta, o diário é confrontado com a morte do autor. Neste caso, o abandono da atividade pode ocorrer pela falta de força para enfrentar a realidade ou ser encerrado pela própria morte.

Com esses estudos sobre o diário e o gênero memorialístico como um todo, Lejeune busca encerrar de vez a ideia preconcebida de que esse tipo de literatura é inferior aos demais gêneros reconhecidos nos estudos literários. De 1971, data em que publica *L'autobiographie en France*, até 2001, última versão do *Le pacte autobiographique*, o autor reconhece o memorialismo enquanto gênero legítimo e mostra a complexidade que envolve os diversos subgêneros da literatura confessional, retirando-os do limbo em que anteriormente se encontravam.

Registros do cotidiano: uma memória viva

O *corpus* selecionado para a análise que compõe as páginas seguintes constitui-se de dois textos escritos por Alice Vaz de Melo, que trazem como traços característicos alguns aspectos enumerados por Philippe Lejeune em sua definição de diário. Por terem sido publicados em jornal, prevalece a tendência de se considerar os textos como “crônicas”,

contudo, como se verá, embora não possamos rotulá-los simplesmente como “diário”, é óbvio que ambos possuem características que se aproximam desse subgênero memorialístico. O suposto diário escrito por Alice, incompleto, permanece inédito até os dias de hoje. Trata-se, portanto, de escritos avulsos, encontrados pelos familiares em meio aos pertences da autora após sua morte. Interessa-nos aqui perceber as semelhanças entre os apontamentos de Lejeune e os escritos de Alice Vaz de Melo e observar nesses textos a presença de registros voltados para questões relacionadas à memória, tais como lembranças da infância e da adolescência, observações sobre a passagem do tempo, comparação entre a cidade em épocas passadas e no momento em que a autora escreve, etc.

Iniciemos pela retomada da definição básica do subgênero feita por Lejeune, segundo o qual o diário é uma escrita cotidiana, regular ou não, que se inicia por uma data (a chamada “entrada”) e tem como aspectos fundamentais a fragmentação e a repetição, um relato dos acontecimentos e impressões de um período anterior bem próximo ao momento do registro.

Afirmar se os escritos de Alice foram cotidianos, regulares ou irregulares, não está ao nosso alcance, visto que, como já mencionado, o que restou desses escritos foram textos isolados. Em nossas mãos encontram-se, mais especificamente, oito textos completos, datados entre abril de 1962 e março de 1963. De qualquer forma, a descontinuidade dos textos não é um fator que impossibilita olharmos esses escritos tendo como norte os traços característicos de um diário, já que, conforme Lejeune:

Diz-se frequentemente que o diário se define por um único traço: a datação. A ordem cronológica é seu pecado original (...). Isso significa reduzir o gênero a uma de suas variantes, que não é a mais frequente. (...) o diário é, muitas vezes, uma atividade de crise: a descontinuidade lhe é habitual e se inscreve, alias, no âmago de seu ritmo (LEJEUNE, 2008, p. 274-275).

A descontinuidade (ou talvez a perda material dos textos que compõem a sequência dos relatos) nos impossibilita também de voltarmos para outro questionamento feito por Lejeune: “o que é o fim de um diário?” (2008, p. 268), visto que, nesse caso, a inexistência de uma obra acabada nos impede de aprofundarmos a questão. É aos traços característicos de cada texto, portanto, que nos ateremos, e não à ordem cronológica das produções ou aos motivos que tenham ocasionado o término da escrita.

Há, já no início dos dois textos selecionados, um elemento fundamental próprio do subgênero em questão: a data, primeira preocupação do diarista, um com a entrada “Amandina – Abril – 1962”, e outro “Amandina – Agosto – 1962”. Percebe-se em ambas a ausência do dia, apenas o mês e o ano são enunciados. Esse modelo não se repete em outros

textos, todos os demais apresentam identificação completa, como, por exemplo, o de dezembro, que tem como entrada “25.12.1962 – Terça-feira”.

Em seguida, a autora passa ao registro dos acontecimentos e impressões. Vejamos um trecho do texto de agosto de 1962, a respeito do reencontro com um homem com o qual tivera uma ligação durante a juventude:

Os olhos azuis brilhantes, por detrás dos óculos, eram olhos de menino. De menino liberto, feliz, solto. E ao ouvi-lo falar, numa tentativa patética, de soltar, esparramar sua alma de garoto, eu senti uma raiva desgraçada do pessoal barulhento que nos rodeava, nos comprimia e acima de tudo insistia em afastá-lo de mim. [...] Quando nos aproximávamos da conclusão de ambos haveremos nascido no século errado, fui obrigada a deixá-lo levando o desejo de ilhar-me com ele num recanto sossegado e aconchegando sua cabeça no meu regaço, acariciar seus cabelos brancos e perder-me para sempre na pureza boa dos seus olhos de menino (MELO, 1962).

Nesse fragmento, a partir de uma conversa em mesa de bar com alguém que, assim como ela, encontra-se no período conhecido hoje como “terceira idade” (ideia explicitada no fragmento “acariciar seus cabelos brancos”), a autora compara duas situações (a “presente”, isto é, o tempo da escrita do texto, e a “passada”, tempo em que se deu a cena narrada) e evoca um tipo de envolvimento amoroso que a faz recordar uma espécie de “paixão adolescente”, atitude que se materializa na metáfora da “pureza” de seus “olhos de menino”. Ao aproximar as situações, distantes no tempo, mas próximas em intensidade, de certa forma a autora nostalgicamente lamenta o tempo “passado” e “perdido” e constata, com uma dose de amargura, ter “nascido no século errado”.

Finalizando o texto, a autora confessa: “A título de despedida piscou-me os olhos marotos e pediu ao garçom uma mais gelada. Na porta do bar voltei-me. Já me havia esquecido”. A expressão “uma mais gelada” mantém ligação com o título “Em busca da mais gelada”, exposto no início do texto, logo após a entrada⁵⁷. Fica no leitor a impressão de que o título visa a enfatizar o curto espaço de duração do episódio: o tempo exterior abrange apenas a duração do consumo de garrafas de cerveja, “entre umas e outras”. No entanto, o tempo psicológico arrasta o acontecimento para um tempo mais duradouro, abre espaço para a recordação de tempos passados e outras possibilidades de acontecimentos motivados pelos desejos da autora.

Percebemos, por essa citação, que o texto se trata de um relato fragmentado da vivência da autora, traço presente também na caracterização do diário feita por Lejeune

⁵⁷ É visível a relação que o título do texto mantém com a tradução de Mario Quintana (e outros) do romance autobiográfico de Marcel Proust, *A la recherche du temps perdu* (*Em busca do tempo perdido*). Embora essa intertextualidade não seja uma das temáticas contempladas neste artigo, tamanha proximidade desperta uma curiosidade: terá Alice conhecido a tradução da Editora Globo, de Porto Alegre, feita no final dos anos 1940 e início de 1950?

quanto à forma da escrita e que, segundo ele, é um traço invariável na identificação desse subgênero da literatura confessional. Mas qual seria a finalidade dos textos de Alice Vaz de Melo?

Esta é uma indagação que Lejeune também levanta com relação ao diário, e se fizermos um paralelo entre a enumeração das possíveis respostas que o autor faz sobre a utilidade do diário e os textos de Alice, perceberemos traços convergentes entre ambos: devido a curta distância entre os acontecimentos e seu registro, o texto permite conservar os fatos e suas impressões, e permite, após muito tempo, reencontrar os elementos do passado sem as fantasias e reconstruções da memória. Assim, com a escrita do texto, o episódio relatado, ocorrido na mesa de um bar, e os sentimentos ocasionados no calor dos acontecimentos, ficarão registrados para uma posterior recordação de quem escreve sem a necessidade de recorrer à imaginação para preencher os espaços vazios deixados na memória pelo esquecimento, ou para o conhecimento de outros leitores como uma modesta contribuição para a memória coletiva da época e do lugar.

Os textos de Alice se utilizam, ainda, da possibilidade apontada por Lejeune, que é a de valer-se da folha de papel em branco como um confidente fiel, um “amigo” no qual a autora descarrega suas emoções com maior liberdade, longe das pressões sociais. É o que podemos perceber na confissão das impressões e sentimentos que a perseguem no decorrer dos acontecimentos como, por exemplo, em: “eu senti uma raiva desgraçada do pessoal barulhento que nos rodeava, nos comprimia”; ou na exposição de seus desejos, como em “fui obrigada a deixá-lo levando o desejo de ilhar-me com ele num recanto sossegado e aconchegando sua cabeça no meu regaço, acariciar seus cabelos brancos e perder-me para sempre na pureza boa dos seus olhos de menino”. Nesses exemplos fica visível o tom íntimo e pessoal existente na elaboração do texto, como se o papel fosse uma pessoa em quem a escritora descarregasse suas emoções e seus desejos, confessando-se.

Outro fator que merece ser observado é que o diário, segundo Lejeune, é resultado do gosto pela escrita. Escrever os acontecimentos do dia a dia nas páginas de um diário pressupõe a liberdade de escolher as próprias regras e o tempo de sua redação. O gosto pela escrita e as singularidades do estilo de Alice Vaz de Melo trazem para seus textos uma linguagem poética por meio de construções figurativas como, por exemplo, na expressão “e aconchegando sua cabeça no meu regaço, acariciar seus cabelos brancos e perder-me para sempre na pureza boa dos seus olhos de menino”. Ou ainda em trechos como: “Ainda não me fui e a saudade do que ainda não deixei já está comigo”; ou: “Sob as pontes os rios se debruçarão em prantos contra o cascalho...”, presentes na entrada de abril de 1962.

Temos aqui não um relato de um acontecimento pertencente a um período passado, mas bem próximo ao que antecede o registro – trata-se de uma despedida melancólica da sua condição atual e de uma previsão do que provavelmente acontecerá após a concretização de suas escolhas: “Adeus...(…) Adeus varjões floridos... Adeus cafezais meninos e pomares infantes. Adeus velhos e adorados pais... Adeus córregos saltitantes e adeus Ivinhema – rio e Ivinhema – cidade que desperta e bruxuleia”.

É a exaltação do ambiente em que vivia: das flores, das matas, dos córregos, que confere ao texto esse tom melancólico. Alice Vaz de Melo despede-se de sua vida atual lamentando o que deixará para trás quando for embora, impulsionada, ao que parece, por um amor sofrido, talvez impossível, como alude o trecho:

Não. Não vou por tua causa, sertão. Vou para longínquos e desconhecidos horizontes por causa “dele”. Por meu amor. Amor que me vem matando aos poucos através dos anos. E eu não quero morrer de amor... Quero viver... (...) Não maldigo o destino, nem o homem que aceitou meu amor e com o passar do tempo passou a procurá-lo. Antes, bendigo os momentos raros que passamos um nos braços do outro. Mas estou cansada de viver poucos dias no ano. Por isso vou partir (MELO, 1962).

A troca desproporcional de sua “terra querida” “pelos dias sem crepúsculo da cidade grande”, “pelo palavreado convencional da turba hipócrita que me envolverá amanhã” e que talvez traga como consequência a sua transformação em um ser irreconhecível, tem apenas um propósito: “a esmola do esquecimento”. Mesmo pertencendo a um ambiente “perfeito” a seus olhos, a existência de um amor que torna sua vida estéril por sua constante ausência, provoca a necessidade de transformação.

Há nessa entrada uma perceptível idealização dos acontecimentos: um amor “absorvente, louco, letal”, que a faz sofrer, que torna sua vida estéril, que provoca um sentimento contraditório de incompletude mesmo diante da exaltação da natureza e de tudo o que a rodeia, pois tudo o que a cerca traz a imagem da pessoa amada: “Quando eu me for... (...) Os cafezais falarão dele...”, mas ainda assim a faz bendizer esse amor e os raros momentos em que passou em sua companhia.

Com essas observações, podemos perceber que, talvez até com maior intensidade que no texto anterior, neste a diarista se utiliza da escrita como forma de descarregar suas emoções, encontrando no papel o espaço e o refúgio para se abrir sem o risco de julgamentos sociais. Descarregar o peso das emoções e dos pensamentos, esvaziar o coração no papel pode ser uma atividade que substitui a ausência de um ouvido amigo para se apoiar ou aconselhar-se com outrem nos momentos de crise.

O exercício da escrita aqui também pode ser uma forma de conhecer-se melhor. A escritora projeta-se no papel e, na exposição de seus sentimentos, na atenção dada a si, transforma a escrita num espaço de construção interior, de laboratório de introspecção. O texto se transforma, assim, numa espécie de viagem de exploração individual, possibilidade encontrada, segundo Lejeune, na prática de elaboração de um diário.

Essa reflexão ocasionada pelo aparente conflito vivenciado pela autora apresenta duas faces apontadas por Lejeune: “analisar-se e deliberar”. O espaço que o texto oferece como refúgio para meditar tranquilamente sobre os problemas enfrentados, também abre caminhos para examinar as escolhas que precisam ser realizadas, como uma atividade em busca de um fim, no caso, aqui, da necessidade de esquecimento.

Não devemos, da mesma forma, deixar de referir a relação entre as cenas descritas em ambos os textos e a “memória coletiva” do lugar, conforme a acepção do sociólogo francês Maurice Halbwachs. Sobretudo na descrição do ambiente que contextualiza os relatos de Alice Vaz de Melo acerca de “Ivinhema – rio” e “Ivinhema – cidade” (Amandina é um distrito de Ivinhema), temos a possibilidade de conhecer melhor os traços que compunham o cenário da região (então apenas Mato Grosso, antes da divisão do estado, ocorrida em 1977) nos primeiros anos de existência daquele lugar, especialmente porque o tempo aumenta o valor dessas informações contidas no papel.

Mais um fator perceptível nessa entrada é que, junto com a despedida (sua “decisão”), a autora faz um balanço de como está a sua vida no momento da escrita, por isso podemos dizer que o texto está voltado para o futuro, é um instrumento de ação e não uma forma de passividade, já que, de acordo com Lejeune (2008, p. 263), “Fazer o balanço de hoje significa se preparar para agir amanhã”, ou seja, por meio dele, Alice tem a possibilidade de reformular os desafios para serem repensados posteriormente. Dessa forma, percebe-se mais um ponto em comum com a descrição do autor a respeito das funções de um diário.

Um elemento, no entanto, presente nos textos de Alice e que não pertence aos elementos enumerados por Lejeune, são os títulos que antecedem a datação de cada texto. Incomum ao subgênero em discussão, o título é um artifício utilizado pela autora em todos os fragmentos desse possível diário, como nos exemplos mencionados, de “Decisão” e de “Em busca da mais gelada”. A presença de um título demonstra que as “entradas” do suposto diário de Alice não obedecem criteriosamente às características apontadas pelo teórico francês, ocupando uma posição híbrida, a meio caminho entre o diário tradicional e a confissão autobiográfica sob forma de crônica.

Considerações finais

Diante das observações realizadas no artigo, notamos que os textos de Alice Vaz de Melo apresentam vários elementos em comum com as definições de Philippe Lejeune em seus estudos sobre o diário. Quer em aspectos como datação, fragmentação ou repetição, quer nas possíveis utilidades que tais textos desempenham na prática de sua escrita, as convergências superam em muito os traços que se divergem da caracterização de um diário.

E mesmo os aspectos divergentes da proposta desse estudioso da literatura confessional, podem ser justificados pelas variações que o subgênero memorialístico apresenta: “O diário é simplesmente humano. Tem suas forças e suas fraquezas. E as formas que assume, as funções que preenche são tão variadas que é bem difícil tratá-lo como um todo” (LEJEUNE, 2008, p. 267).

Questionamento final, paráfrase da canção de Caetano Veloso e Capinam sobre Clarice Lispector: Que mistérios têm o diário de Alice? Que leitor não tem curiosidade de conhecer os desafios de alguém que manteve, no calor das emoções, um “diário todo seu”, oscilando entre a “paixão adolescente” e o acariciar dos cabelos brancos? Entre a “pureza dos olhos do menino” e os “longínquos e desconhecidos horizontes” das lembranças recuperadas? Resta a sugestão da leitura de uma diarista pouco conhecida e da evocação constante de nossas mais emocionantes e ternas reminiscências.

Referências:

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro-RJ: EdUERJ, 2010. Trad. de Paloma Vidal.

BUNGART NETO, P. O reconhecimento tardio da autobiografia como gênero legítimo: Philippe Lejeune e seu “exército de um homem só”. In: _____; PINHEIRO, A. S. (Orgs.). **Estudos culturais e contemporaneidade**: literatura, história e memória. Dourados-MS: Editora UFGD, 2012, p. 161-180.

CAETANO VELOSO E CAPINAM. Clarice. In: **Caetano Veloso**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1968. 1 disco sonoro (faixa 2).

FRANK, A. **O diário de Anne Frank**. 61 ed. Rio de Janeiro-RJ: Record, 2016. Trad. de Alves Calado. Edição definitiva: Otto Frank e Mirjam Pressler.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2006. Trad. de Beatriz Sidou.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**: De Rousseau à Internet. Belo Horizonte-MG: Editora UFMG, 2008. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. de Maria Inês Coimbra Guedes e Jovita Maria Gerheim Noronha.

MELO, A. V. de. **Decisão**. Ivinhema-MS: s.e., 1962.

MELO, A. V. de. **Em busca da mais gelada**. Ivinhema-MS: s.e., 1962.

Página |
171

PROUST, M. **Em busca do tempo perdido**. Porto Alegre-RS: Editora Globo, 7 vls, 1948-1955. Trad. de Mario Quintana, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Lúcia Miguel Pereira e Lourdes Sousa de Alencar.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. São Paulo-SP: Círculo do Livro, 1994. Trad. de Vera Ribeiro.

ZAGURY, E. **A escrita do eu**. Rio de Janeiro-RJ: Civilização Brasileira, 1982.

INTIMATE LITERATURE: WHICH MYSTERIES DOES ALICE'S DIARY HAVE?

Abstract

The article analyses two Alice Vaz de Melo's texts which are very similar to a diary notation. The texts were published in the session "Umas e outras" ["Ones and others"] of the newspaper *O grito* ["The scream"], dated April and August 1962. The article aims at understanding Alice's texts from the points of view defended by Philippe Lejeune in his theory of the *Pacto Autobiográfico* ("autobiographical pact"), about the "diary" genre as an important tendency of the confessional literature. We also discuss the space occupied by the intimate literature in the contemporary literature studies, position that is directly related to the pioneering studies of Philippe Lejeune and others who followed the track opened by the French intellectual. The article also works with concepts developed by Leonor Arfuch (2010) and Eliane Zagury (1982).

Keywords

Alice Vaz de Melo. Diary. Philippe Lejeune.